



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MIKAELLY KEILA PEREIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO EXTERNA E A VERDADE INTERNA EM *ESPELHO* DE
JOSÉ J. VEIGA**

SERRA TALHADA-PE

2019

MIKAELLY KEILA PEREIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO EXTERNA E A VERDADE INTERNA EM *ESPELHO* DE
JOSÉ J. VEIGA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, habilitação Português e Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Pereira de Almeida

SERRA TALHADA-PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S586r Silva, Mikaelly Keila Pereira da
A representação externa e a verdade interna em espelho de José J. Veiga/ Mikaelly Keila Pereira da Silva. – Serra Talhada, 2019.
40 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Pereira de Almeida
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.
Inclui referências.

1. Espelho - objeto. 2. Teoria literária. 3. Veiga - conto. I. Almeida, Maria do Socorro Pereira de, orient. II. Título.

CDD 400

MIKAELLY KEILA PEREIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO EXTERNA E A VERDADE INTERNA EM *ESPELHO* DE
JOSÉ J. VEIGA**

Monografia apresentada e aprovada em: ____/____/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Pereira de Almeida
(Orientadora – UAST-UFRPE)

Prof^a. Dr^a. Andreia de Lima Andrade
(1º Examinadora – UAST-UFRPE)

Prof. Dr. Jean Paul d'Antony Costa Silva
(2º Examinador – UAST-UFRPE)

Dedico este trabalho a minha mãe e a minha avó, pois são as maiores guerreiras que conheço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por direcionar minhas escolhas.

Aos meus pais pela dedicação, confiança, por acreditar em minhas escolhas e por todo o apoio ao longo dos anos.

Aos meus avós, pela doação de cada dia.

À minha irmã pelos ensinamentos constantes.

Agradeço a professora Maria do Socorro, por aceitar minhas escolhas e mergulhar comigo neste trabalho.

A todos que contribuíram para minha formação e aos leitores deste trabalho.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo fazer uma análise acerca do conto *Espelho* de José J. Veiga, tendo por foco o objeto espelho, uma vez que tal elemento parece revelar além das aparências físicas e mostrar o que está por trás das aparências de integrantes da família que fazem parte do espaço onde tal artefato se encontra localizado. A pesquisa tem por base os estudos desenvolvidos por Chevalier e Gheerbrant (2012), Melchior-Bonnet (2016), Souza (1990), Turchi (2005) entre outros de fundamental importância para o desenvolvimento da análise. Durante todo o percurso histórico da humanidade o “homem” sempre tentou (re)conhecer o outro e a si mesmo, para isso utilizava tudo que pudesse dar-lhe uma pista, uma imagem do que e de quem era, primeiro nas águas e em alguns metais, depois em um objeto feito de vidro chamado de espelho, contudo, tão fascinante objeto foi interpretado de diversas maneiras pelas diferentes sociedades. Dessa forma, o espelho vai ganhando formas e também simbolismos no imaginário social. No texto literário, ele pode representar as figuras sociais e também as personalidades de quem o “enfrenta”. Assim, ao longo do trabalho, foi possível observar que no conto de Veiga, o espelho reflete e transfigura as máscaras sociais, a hipocrisia em que vivem os personagens da trama. Nesse conto, o espelho não é visto apenas como um objeto comum, simples e sem maiores significados ou importância, ele é o centro, que faz com que os personagens desloquem suas experiências e mostrem quem realmente são.

Palavras-chave: Espelho; Duplo; José J. Veiga.

ABSTRACT

The research aims to make an analysis about the *Mirror* tale of José J. Veiga, focusing on the mirror object, since such an element seems to reveal beyond physical appearances and show what is behind the appearances of family members who are part of the space where such an artifact is located. The research is based on the studies developed by Chevalier and Gheerbrant (2012), Melchior-Bonnet (2016), Souza (1990), Turchi (2005) among others of fundamental importance for the development of the analysis. Throughout the whole historical journey of mankind the man always tried to (re) know the other and himself, for that he used everything that could give him a clue, an image of who and what he was, first in the waters and in some metals, then into an object made of glass called a mirror, however, such a fascinating object was interpreted in different ways by different societies. In this way, the mirror is gaining forms and also symbolisms in the social imaginary. In the literary text he can represent the social figures and also the personalities of those who 'face' him. Thus, throughout the work, it was possible to observe that in Veiga's tale, the mirror reflects and transfigures the social masks, the hypocrisy in which the characters of the plot live. In this story, the mirror is seen not only as an ordinary object, simple and without major meanings or importance, it is the center, which causes the characters to move their experiences and show who they really are.

Key words: Mirror; Double; José J. Veiga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.8
1. JOSÉ J. VEIGA: VIDA, ESTILO E ESTÉTICA.....	p.10
1.1 Considerações acerca da Escrita de José J. Veiga.....	p.10
2. EM TORNO DO ESPELHO: DOS OLHOS AO REFLEXO.....	p.14
2.1 Antes do espelho, os olhos.....	p.14
2.2 O espelho e a sua trajetória.....	p.16
2.3 O simbolismo do espelho.....	p.19
3. ESPELHO: A TURBULÊNCIA DO CONHECIMENTO DO OUTRO EM JOSÉ J. VEIGA.....	p.22
3.1 As relações do espelho com a dualidade.....	p.28
3.2 O duplo no reflexo.....	p.32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.36
REFERÊNCIAS.....	p.38

INTRODUÇÃO

A humanidade sempre procurou compreender o meio em que estava inserido, os outros e principalmente a si, para alcançar tal objetivo procurou tudo que lhe auxiliasse, primeiro no olhar do outro, ou seja, vendo a própria imagem no olhar do outro, depois por meio das águas e dos metais, como é possível encontrar em narrativas mitológicas de Narciso e da Medusa, até elaborar o objeto perfeito para fazer refletir com nitidez o que é exposto diante dele, o espelho. Mas um objeto capaz de mostrar com tamanha nitidez o reflexo humano despertou muitos questionamentos sobre a imagem que refletia.

Assim, o espelho vai adquirindo simbolismo no imaginário humano, entre eles o de acreditar que o espelho não é só capaz de fazer refletir apenas o físico, o que é externo, mas ao refletir em sua superfície o externo, é como se, ao mesmo tempo escondesse o interior humano, o mais profundo de cada um, que fica incógnito e fomenta curiosidade.

Por essa e outras razões, muitas simbologias são atribuídas ao objeto, ele se torna centro de diversos questionamentos, suscitando o interesse da psicanálise ao procurar compreender as relações psíquicas do sujeito com o reflexo revelado na superfície de vidro, em outras áreas do conhecimento, em diversas manifestações artísticas e de maneira expressiva se faz presente também nas produções literárias de diferentes épocas e lugares, entre elas no Brasil.

Autores brasileiros de diferentes épocas se debruçaram sobre ele, seja no conto, romance, na poesia ou em outro gênero, cada obra com uma perspectiva acerca do objeto questionador, entre essas produções se encontra o autor goiano José J. Veiga com o seu conto intitulado: *Espelho*, é acerca deste conto que a presente pesquisa se debruça, procurando evidenciar as simbologias e as características que o autor atribui ao objeto e como a partir delas é instaurado a turbulência na vida das personagens veigueanas.

Essa pesquisa está dividida em três capítulos, no primeiro capítulo tem-se uma apresentação acerca da escrita do autor, para tanto foram analisados os trabalhos desenvolvidos por Souza (1987) e Turchi (2005) acerca da produção de José J. Veiga.

O segundo capítulo é centrado no objeto espelho, no primeiro tópico tem-se a relação dos olhos com o espelho, para tanto foi analisada as considerações feitas pela filósofa

Marilena Chaui (2006). No segundo tópico encontra-se o percurso histórico sobre a elaboração e comercialização do espelho no Ocidente, se fez de fundamental importância para que fosse possível traçar esse percurso a pesquisa desenvolvida pela escritora Melchior-Bonnet (2016).

No terceiro capítulo, tem-se uma discursão sobre o conto *Espelho*, para tanto foi utilizado como base os estudos desenvolvidos por Goffman (2011), Foucault (1996) entre outros e são apresentadas as definições encontradas sobre o espelho nos dicionários de símbolos de Chevalier e Gheebrant (2012) e no de Bachelard (2008). Em seguida, tem-se uma análise sobre o duplo e sua relação com o espelho, portanto no primeiro tópico há uma apresentação do que caracteriza o duplo. No segundo tópico é apresentado a relação do duplo com o reflexo e tem por base os estudos desenvolvidos por Souza e Brandão (2018), Jota (2014) entre outros.

Portanto, mesmo que se tenha tornado um objeto banal nos dias atuais, as simbologias que o espelho adquiriu ao longo dos séculos ainda provoca questionamentos diversos acerca da imagem que revela e as obras literárias, como o conto *Espelho* tem uma importante contribuição para que tais questionamentos não se acabem.

1. JOSÉ J. VEIGA: VIDA, ESTILO E ESTÉTICA.

Neste capítulo, serão abordados aspectos relacionados à vida, ao estilo literário e a estética presente nas obras de José J. Veiga, para que seja possível compreender de maneira significava o conto que será analisado.

1.1 Considerações acerca da Escrita de José J. Veiga

Conhecido por uma escrita capaz de inquietar qualquer leitor por meio de uma linguagem simples e temas cotidianos, assim se apresenta no cenário literário brasileiro José Jacinto Pereira Veiga ou simplesmente José J. Veiga, por sugestão do também escritor e amigo Guimarães Rosa.

José J. Veiga nasceu em uma fazenda localizada na cidade de Corumbá, no estado de Goiás, no ano de 1915, e neste lugar passou sua infância. Depois mudou-se para um grande centro urbano para aprimorar seus estudos, estudou direito na Faculdade Nacional de Direito entre os anos de 1937 a 1940. Interessado também pela área da escrita e da tradução, fez uma seleção e foi aceito para trabalhar em Londres.

Ao voltar para o Brasil começa a trabalhar em alguns jornais, e inicia também a publicação de alguns dos seus contos para os jornais. Em 1959, publicou seu primeiro livro de contos intitulado *Os cavaleiros de Platiplanto*, com o qual recebeu dois importantes prêmios. Ele se apresenta no cenário literário brasileiro contemporâneo como contista e depois se insere no romance, publicou várias obras, entre elas: *Os cavaleiros de Platiplanto* (1959), *A estranha máquina extraviada* (1968), *A hora dos ruminantes* (1966), *Sombras de reis barbudos* (1972), *Os pecados da tribo* (1976) e *Objetos Turbulentos* (1997).

O autor goiano se destaca principalmente com os contos, Alfredo Bosi (2015) faz a seguinte afirmação sobre o conto nas produções literárias:

Quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo. Repito a palavra-chave: situações. Se o romance é um traçado de eventos, o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação, real ou imaginária, opera a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra. (ALFREDO BOSI, 2015, p. 8)

É por meio de seus contos e das características apresentadas em cada um que o escritor goiano se insere na produção literária brasileira, se tornando um dos nomes mais relevantes no país e com obras conhecidas em outros países do Ocidente. A partir de sua primeira publicação, José J. Veiga trouxe certa inquietação para os críticos literários que procuravam classificar esteticamente sua escrita e uma marca muito forte é vista na perspectiva do fantástico, embora o autor não tenha aceitado de imediato esse termo por achar que os críticos estavam acompanhando um modismo. No entanto a sua característica de inquietar o leitor permanece até hoje e acompanhou-lhe em todas as obras.

Mas algumas características se fizeram presentes de maneira significativa nas suas produções, entre elas o interior como cenário escolhido para suas narrativas, e é nesse meio rural que seus personagens são confrontados com situações e objetos que questionam. Como exposto anteriormente o autor cresceu em uma fazenda no interior goiano e trouxe sua vivência e seus conhecimentos do meio rural para suas obras, o cenário de sua infância foi utilizado como material para sua ficção. De acordo com Turchi (2005, p. 145):

As raízes rurais de José J. Veiga, [...] serviram-lhe de material ficcional. A região natal deixou marcas indeléveis na obra de Veiga seja na adjetivação que se pode depreender da cartografia dos contos – o distante, o longínquo, o isolado; seja nos espaços e costumes cotidianos que compõem o enredo – o curral, o rio, a pescaria, a caçada; todos os elementos emblemáticos com os quais o imaginário goiano se identifica. Além disso, a voz narrativa assemelha-se a do narrador primitivo da oralidade, próprio das histórias que vivem no sertão, que prendem a atenção dos ouvintes na força da fabulação. A presença desse substrato que estabelece uma especificidade regional, não o transforma, contudo, num regionalista no sentido restrito do termo. [...].

Diante da afirmação feita pela pesquisadora, depreende-se que a presença do meio rural nas obras de Veiga e os elementos que as compõem não tornam a sua escrita como pertencente ao regionalismo goiano, é inegável a carga trazida da sua origem no interior, mas ao utilizar deste meio traz situações que podem ser encontradas em qualquer interior do país ou fora deste, acerca disso Souza (1987, p. 12) faz a seguinte afirmação:

Negar o regionalismo goiano à obra de J. Veiga não significa recusar o peso regional de alguns traços de sua linguagem. A esses traços se sobrepõe uma inventividade estética, cujas características plurais contam com uma complexidade tal que as rotulações tradicionais escorregam na tentativa de ajustamento a seu estilo. O caráter regional parece confirmado pelo próprio Veiga: "eu sou um homem do interior de Goiás". [...]

Portanto, a presença do interior na obra veigueana é notória em toda a sua produção, como é possível encontrar no conto “A estranha máquina extraviada”, quando o narrador relata as notícias da sua cidade no interior. Assim como pontuado pelos teóricos Souza e Turchi, mesmo que se faça presente a paisagem regional goiana em suas obras, Veiga não se encaixaria apenas no regionalismo, já que os lugares de suas obras podem estar presentes em qualquer região do país ou fora dele, pois “O distanciamento do regional, menor nos primeiros livros, aumenta nas demais obras, sem chegar a uma ausência total de elementos goianos. A tênue goianidade da sua obra cede lugar a uma paisagem rural ou de pequena cidade que poderia ser de outras regiões brasileiras, ou até universais.” (SOUZA 1987, p. 10).

O autor goiano também procura se aproximar ao máximo do narrador do interior, com sua linguagem simples e capaz de prender a atenção de seu ouvinte. Outra característica que marca a produção veigueana é a presença da invasão do meio, geralmente pelo progresso tecnológico, também podem ser representados por animais e estrangeiros, assim o homem do interior vê seu sossego e seu espaço retirados por um sistema que não conhecem e não compreendem.

O tema da invasão é marcante na obra de J. Veiga. Por ele que se vê a inquietude pessoal e coletiva, perante um tipo de peste que assola o espaço da gente de bem, que vivia sossegada, e, de repente, se vê às voltas com um novo sistema, ao qual seu conhecimento não tem acesso. Esse invasor ora é representado simbolicamente por cachorros e bois, ora são estrangeiros que vêm construir uma usina, ora recebe o nome de companhia de Melhoramentos. O intruso chega com promessas de emprego, ordenados e melhorias, porém torna a vida dos cidadãos insuportável, fechada, "hora mortis" (SOUZA 1987, p. 14).

Além da presença do regionalismo e da invasão recorrentes nas produções veigueana, o autor se utiliza também do elemento insólito. O insólito se caracteriza por ser um objeto incomum e que não é explicado em uma perspectiva lógica e real, ele causa inquietação na vida das personagens, o insólito em Veiga não está associado a fadas, monstros ou outros seres, estão nos objetos comuns à vida do homem. É interessante que no conto, objeto de pesquisa, esse elemento é o espelho, que ao longo da obra vai ganhando status de personagem e centro de toda trama, como se a vida real fosse tão artificial quanto a imagem mostrada pelo espelho que está no meio da sala da casa onde ocorre a narrativa.

A obra veigueana também é classificada por alguns teóricos, considerando o elemento insólito como pertencentes ao fantástico, que se caracteriza pela presença do mistério, do insólito, ou seja, de fatos que não são explicados de maneira racional, ele surge como resposta à produção realista-naturalista que pautava suas obras em retratar uma realidade social concreta e racional. Acerca do fantástico é pontuado por Todorov na obra *Introdução a literatura fantástica* que,

Num mundo que é exatamente o nosso [...], produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas por nós. (TODOROV, 1975. p.30 *apud* SOUZA 1987, p. 31)

Dessa maneira, as obras fantásticas se caracterizam por deslocarem o leitor do real para um universo misterioso e questionador. O primeiro a apresentar o fantástico na produção literária brasileira foi Murilo Rubião com a publicação da obra *O ex-mágico* (1947). Acerca do fantástico no contexto brasileiro Alfredo Bosi pontua que,

Quanto aos exploradores do insólito, os que entre nós tem perseguido com maior insistência a nota do fantástico, um Murilo Rubião e um J.J. Veiga, diferem bastante no modo de enfrentar o trabalho da forma. Que é mais neutra e opaca em J. J. Veiga, mais complacentemente literária em Murilo Rubião.

A diferença de processos talvez se deva a das filiações. O autor dos *Cavaleiros de Platilante* escrava situações de estranheza em um contexto familiar, que evoca discretamente costumes e cenas regionais. São contos que compõem a alegoria do destino, pessoal ou coletivo, com as peças de um realismo verbal sóbrio no trato das personagens e dos fatos, tudo organizado em um sistema narrativo bastante veraz e consequente, mas afinal cheio de surpresa. [...] (BOSI, 1974, p. 20)

Para Souza (1987) o autor de *Os cavaleiros de Platilante*, consegue atribuir ao fantástico uma característica própria, que é sair do corriqueiro e instaurar o insólito. Assim, é importante frisar que no conto trabalhado o insólito é o espelho porque ele assume um papel de integrante familiar e ares de mistério.

Diante do exposto, sobre a produção veigueana é possível compreender a sua importância na produção brasileira, no próximo capítulo será analisado o objeto espelho.

2. EM TORNO DO ESPELHO: DOS OLHOS AO REFLEXO

Este capítulo se destinará a analisar características que envolvem o objeto espelho, antes de adentrar especificamente a história que envolve o aparecimento de tal objeto, se faz necessário compreender a importância e a relação intrínseca do espelho com os olhos, por serem esses, o primeiro “espelho” capaz de fazer refletir o meio que cerca os seres do mundo animal. São órgãos fundamentais para que o homem consiga interpretar aquilo que o cerca. Nesse sentido o espelho, posteriormente assume o papel de refletir essa realidade ao redor do humano. Dessa forma, o primeiro tópico é destinado a este fascinante sentido humano e sua relação com o conhecimento do meio é do próprio homem.

Em seguida, é feito um percurso histórico para conhecer como se deu o aparecimento e a difusão deste fascinante objeto, a importância da ilha italiana para a fabricação dos primeiros espelhos capazes de fazer refletir com nitidez os objetos e principalmente os rostos que o encaravam, e também a importância que a França tem no processo de aprimoramento de fabricação e principalmente de sua comercialização em larga escala para diversos territórios, contribuindo para uma maior popularização do objeto.

2.1 Antes do espelho, os olhos

Antes de conhecer como aconteceu a comercialização em larga escala e as evoluções tecnológicas que contribuíram para tornar o espelho um objeto popular e presente em todos os lugares, como também compreender as simbologias que tal objeto traz consigo, é necessário pontuar que antes do espelho ou que qualquer outro objeto capaz de refletir algo fosse utilizado pelos homens, os olhos já eram utilizados como elemento capaz de refletir o meio e o próprio sujeito, também por ser os olhos um elemento essencial no conto analisado, já que é por meio deles que toda a turbulência se inicia. E por considerar que para compreender as relações humanas com o espelho é preciso realizar uma interpretação mental que se inicia no “ver”, ou seja, nos olhos humanos.

Considerando tais fatos, este tópico tem por objetivo conhecer de forma significativa a importância dos olhos no processo de conhecimento humano e sua relação com o espelho, para tanto nos apoiamos nos estudos desenvolvidos pela filósofa Marilena Chauí (2006).

Ao discorrer acerca da importância da visão no processo de conhecimento do ser humano, a filósofa faz um resgate histórico sobre esse fascinante sentido humano e sua relação com o conhecimento, em sua análise afirma o quanto é comum e corriqueiro atribuímos significado a visão, como exemplo mostra algumas afirmações que comumente fazemos sem questionar que todas elas estão relacionadas ao poder de verdade que atribui-se aos olhos, entre elas a afirmação de amor à primeira vista, quando afirma existir mau olhado, ou quando se fecha os olhos para esconder um fato, como exposto pela autora neste trecho:

[...] Fechando os olhos, porém, ela exprime nossa crença ancestral de que a visão depende de nós, muito mais do que dependeria das coisas. Subjetivismo que reiteramos quando, diante de algo horrendo, fechamos os olhos para torná-lo inexistente, atribuindo ao olhar um poder de irrealização que ressurge quando dizemos que o que os olhos não vêem o coração não sente. [...]. (CHAUI, 2006, p.33)

Fechando os olhos esconde-se dos objetos presentes no mundo e também das pessoas. Mas, essas relações da humanidade com a visão não é um fato recente, os filósofos gregos já compreendiam que os olhos, não foram atribuídos aos humanos por qualquer razão, mas por causa do conhecimento, já que o desejo e a necessidade do conhecimento faz parte da humanidade e só alcançariam o conhecimento se conseguissem visualizar o meio e os outros, tornando assim a visão o sentido superior aos outros,

[...] A aptidão da vista para o discernimento — é o que nos faz descobrir mais diferenças — a coloca como o primeiro sentido de que nos valemos para o conhecimento e como o mais poderoso porque alcança as coisas celestes e terrestres, distingue movimentos, ações e figuras das coisas, e o faz com maior rapidez do que qualquer dos outros sentidos. É ela que imprime mais fortemente na imaginação e na memória as coisas percebidas, permitindo evocá-las com maior fidelidade e facilidade. [...]. (CHAUI, 2006, p.38)

É a visão que permite descobrir diferenças e semelhanças, a utilizamos para conhecer o meio em que se vive e a nós mesmos, é o mais significativo dos sentidos, por conseguir alcançar as coisas terrestres celestes e que estão além dos outros sentidos, pois

Se o olhar usurpa os demais sentidos fazendo-se cânone de todas as percepções é por que, como dizia Merleau-Ponty, ver é ter à distância. O olhar apalpa as coisas, repousa sobre elas, viaja no meio delas, mas delas não se apropria. "Resume" e ultrapassa os outros sentidos porque os realiza naquilo que lhes é vedado pela finitude do corpo, a saída de si, sem precisar de mediação alguma, e a volta a si, sem sofrer qualquer alteração material. [...] (CHAUI, 2006, p. 41)

Se a visão é superior aos outros sentidos humanos por ser capaz de “tocar” as coisas que estão em qualquer lugar no meio, possibilitando assim conhecê-las pode-se afirmar que é o meio que possibilita conhecer a verdade que procura.

No dicionário de símbolos de Gaston Bachelard (2008), é exposto que os olhos surgem das profundezas do humano e faz iluminar o mundo com o conhecimento que é adquirido por meio deles, e que o olhar é magia capaz de fazer vê realidades que podem ser visíveis ou invisíveis.

Diante de tudo que foi exposto, é notória a importância do olhar no processo de conhecimento humano durante os séculos, conhecimento do meio e de si. Para alcançar a possibilidade de ver-se foi necessário utilizar-se de elementos encontrados na natureza capazes de fazer refletir a fisionomia e assim encontrar-se consigo, após séculos de aprimoramento, tais metais são substituídos pelo espelho de vidro. O próximo tópico servirá para compreender como aconteceu o processo de fabricação e comercialização deste artefato hoje tão comum na vida dos modernos.

2.2 O espelho e a sua trajetória

Tendo compreendido um pouco mais a importância do olhar para o conhecimento humano e sua função como espelho, pois só é possível interpretar o que o espelho reflete por ser possível utilizar-se da visão para tal objetivo, esta parte tratará acerca do aparecimento do espelho e sua comercialização, para tanto tomaremos como base de análise a pesquisa desenvolvida pela escritora francesa Sabine Melchior-Bonnet em sua obra intitulada “História do Espelho” (2016).

É praticamente impossível definir de maneira exata o surgimento do objeto espelho, mas estudos arqueológicos apontam que os primeiros indícios de lâminas capazes de fazer refletir foram encontrados há “aproximadamente 6.200 a.C. em Çatal Hüyük (perto de Konya, Turquia), onde eram feitos de obsidiana polida, um vidro natural preto criado durante erupções vulcânicas” (PENDERGRAST, 2003, p. 3 *apud* JOTA, 2014, p.11)

O pesquisador mostra também que há outros indícios de materiais feitos a partir de elementos extraídos da natureza que foram encontrados em outras civilizações antigas, como aponta o seguinte trecho: “laje de selenita com traços de madeira ao redor, que poderia ter sido uma

moldura, e um disco de ardósia. Ambos foram encontrados em El-Badari, no Egito, e datam de aproximadamente 4.500 a.C.” (PENDERGRAST, 2003, p. 3 *apud* JOTA, 2014, p.11). Tais evidências arqueológicas apontam o desejo de se ver refletido em alguma superfície capaz de mostrar o que era visualizado pelos olhos dos outros não é algo que possa ser considerado recente no percurso histórico da humanidade. Contudo, foram necessários séculos de aprimoramento de técnicas pelos artesãos para a fabricação do espelho.

Ao percorrer a história acerca da comercialização e aperfeiçoamento do espelho no ocidente, a pesquisadora Melchior-Bonnet mostra que o processo de fabrico e a comercialização dos espelhos foi um processo lento e difícil. No Ocidente pode-se afirmar que dois países europeus foram fundamentais para a fabricação e o aprimoramento da técnica de elaboração do espelho de vidro, são eles: a ilha de Murano, pertencente ao território italiano, e mais tarde, a França que consegue alarga e populariza o objeto refletor.

Com o aprimoramento dos instrumentos de fabricação, a humanidade notou que poderia aperfeiçoar os objetos refletores para que esses oferecessem um melhor reflexo do que era exposto diante de si. Tais técnicas de fabricação de espelhos de vidro eram passadas de geração a geração e mantidos em segredo. Os artesãos, da ilha de Murano, adquiriram conhecimento de tais técnicas e passaram a fabricar espelhos, a pequena ilha logo veio a se tornar a maior fabricante de espelhos cristalinos do Ocidente, pois como é pontuado pela própria autora, sabiam o segredo de fazer o vidro, a autora continua a pontuar que possuíam uma qualidade que não se encontrava em nenhum outro território, por exigir materiais de um valor elevado e não ser um processo fácil de fabricação. Os espelhos passam a ser comercializados por um valor financeiro elevado, pertencendo a poucos e eram “Ardentemente cobiçados, não ultrapassando o tamanho de um prato, os espelhos são durante muito tempo o símbolo do luxo aristocrático, o instrumento das aparências. [...]” (MELCHIOR-BENNET, 2016, p.11)

A ilha italiana deteve durante anos, o monopólio da fabricação e distribuição dos espelhos, mas os franceses começam a se interessar pela comercialização do produto e consequentemente um maior aumento financeiro para o país. Por essa razão, tentam e depois de algum tempo conseguem convencer alguns artesãos da ilha de Murano para viajarem a Paris e ensinar a técnica de elaboração do espelho de vidro para os franceses. Não foi um processo fácil já que tinha-se o contrabando e as dificuldades de comunicação entre os artesãos, mas os franceses conseguiram adquirir os conhecimentos segredos da fabricação e o

aperfeiçoaram. Para isso foi criada a manufatura real no reinado de Louis XIV, em uma pequena cidade no nordeste francês que originou o que mais tarde ficou conhecida como a responsável por elaborar o espelho com tamanho suficiente para mostrar de maneira maior a estrutura humana, e conseguiu tornar a produção mais rápida e econômica o que facilitou a produção em maior escala e uma maior comercialização do objeto, ficando conhecida como a Companhia de Saint-Gobain.

Foi tamanha a importância dessa companhia para a comercialização dos espelhos no Ocidente, que a autora Melchior-Bennet (2016), inicia sua obra afirmando que antes de ser criada a manufatura francesa os espelhos eram “Pequeno, raros, caros, preciosos: assim são os espelhos ao longo de vários séculos, antes de a manufatura de Saint-Gobain aperfeiçoar um processo de fabrico capaz de aumentar a produção e de alargar a sua clientela”. [...]. (MELCHIOR-BENNET, 2016, p. 11). O próprio conto de Veiga, faz uma referência a importância da companhia francesa ao afirmar que o espelho que foi encontrado no guarda-roupas era provavelmente importado da França, pelo tipo de corte que possuía.

No século XVIII, os espelhos de vidro vão substituindo notoriamente os de aço e se tornam um objeto indispensável para a decoração de um ambiente, o tamanho e a moldura também são importantes para compreender que mesmo com um valor mais baixo, os espelhos ainda indicam, seja pelo tamanho ou pela moldura que o contorna a classe social e a relação com a própria imagem.

O processo que torna o espelho um objeto comum e consequentemente acessível não foi fácil, por considerar que mesmo os valores dos espelhos terem sofrido uma diminuição significativa com a Companhia de Saint-Gobain, ele passa a enfrentar outro obstáculo para ser introduzido mais rapidamente do cotidiano das pessoas, está relacionado as questões psicológicas quando as pessoas veem o próprio reflexo nitidamente, “[...] o processo de banalização deste objeto, hoje tão integrado na nossa vida quotidiana, será lento, não só porque enfrenta obstáculos técnicos e econômicos, mas também reservas psicológicas e morais.[...] (MELCHIOR-BENNET, 2016, p.12).

De acordo com a autora, o receio de ver o próprio reflexo pode ser compreendido por considerar que sem os espelhos os homens se conheciam pelo olhar dos outros, por isso

[...] para o homem dos nossos dias, tão habituado a encontrar a cada passo a sua imagem em espelhos, fotografias e vídeos, é difícil avaliar o extraordinário impacto que a possibilidade de se ver dos pés a cabeça teve nas sensibilidades [...] como seria viver com um rosto ou habitar um corpo

que, sem o auxílio do espelho, se conhecia sobretudo através do olhar dos outros? Conseguiremos imaginar o espanto daquele que pela primeira vez depara com a sua imagem?[...] (MELCHIOR-BENNET, 2016, p.12).

Esse aspecto do medo de ver a própria imagem fica bem delineado no conto de Veiga, tanto que o casal prefere se desfazer do artefato a ter que enfrentá-lo. A lógica é que se o marido viu a “alma” do casal no espelho então a deles também apareceria, ou seja, o medo de ver além das aparências, do que há dentro de cada um faz com que o casal se livre do “delator”, o espelho, como se pode ver no fragmento a seguir:

Os que estavam no sofá eram Emer e Zenaide. Os que eu via no espelho, só do ombro para cima, eram outros. Esses aprovavam a matança. Não diziam isso em palavras, as palavras deles eram as de Emer e Zenaide, diziam que tinha sido um horror, uma vergonha, uma desumanidade; mas tudo soava falso. A opinião verdadeira estava nas imagens refletidas. (VEIGA, 2015, p. 15)

É possível imaginar o quão difícil foi se ver refletido em um objeto capaz de mostrar e ir além do que o olhar dos outros possibilitava ver, por essa razão o espelho deixa de ser interpretado como um simples objeto capaz de refletir e mostrar a imagem física para se tornar um objeto que possibilitou a humanidade encontrar-se consigo mesma não apenas de forma física, mas psicológica, por ser capaz de fazer o homem questionar o quê vê refletido no vidro.

Por essa razão, é notório que o espelho não ficou restrito apenas ao físico, mas tornou-se símbolo de questionamento e inquietação, não é surpresa, portanto que está inscrito por muitos como uma das mais significativas invenções da humanidade, se fazendo presente em diversas áreas do conhecimento, em diferentes culturas sendo interpretado de uma maneira particular por cada uma. Nota-se que não é possível compreender a importância do espelho na vida humana apenas no campo histórico, se faz necessário também compreender suas simbologias, pois são elas que o tornam tão inquietante.

2.3 O simbolismo do espelho

No conto de Veiga, o espelho é principalmente associado a sua representação simbólica, pois deixa de ser um objeto simples que apenas mostra o reflexo externo do que é exposto diante de si para se tornar o centro de perturbações psíquicas profundas nos

personagens, por essa razão se faz necessário compreender o espelho não apenas em sua expressão física como também simbólica.

Antes de analisar os significados simbólicos que o espelho trouxe no decorrer da sua inserção na vida das pessoas, é imprescindível um entendimento sobre o que caracteriza os símbolos na história da humanidade.

As relações, as ações e o meio que os humanos estão inseridos são carregados de manifestações e objetos simbólicos, na obra *O homem e seus símbolos* (2008) que foi elaborada por Jung, encontra-se a seguinte afirmação sobre a ordem dos símbolos.

[...] Devo fazer notar, no entanto, que os símbolos não ocorrem apenas nos sonhos; aparecem em todos os tipos de manifestações psíquicas. Existem pensamentos e sentimentos simbólicos, situações e atos simbólicos. Parece mesmo que, muitas vezes, objetos inanimados cooperam com o inconsciente criando formas simbólicas. [...] Mesmo que os céticos se recusem a acreditar nessas histórias, a verdade é que elas estão sempre acontecendo, e só isto basta como prova da sua importância psicológica. (JUNG, 2008, p. 55)

Como pontuado, muitos são os objetos inanimados presentes no cotidiano e que se tornam simbólicos pelas suas manifestações de ordem psicológica, entre eles pode-se destacar o espelho, ainda na obra *O homem e seus símbolos* (2008), o escritor M. -L. von Franz também pontua a relação simbólica do espelho nos sonhos,

Nos sonhos, um espelho pode simbolizar o poder que tem o inconsciente de “refletir”; objetivamente o indivíduo — dando-lhe uma visão dele mesmo que talvez nunca tenha tido antes. Só através do inconsciente tal percepção (que por vezes choca e perturba a mente consciente) pode ser obtida — tal como no mito grego onde a repulsiva Medusa, cujo olhar transformava os homens em pedra, só podia ser contemplada em um espelho. (M. -L. VON FRANZ, 2008, p. 205)

Os símbolos não se apresentam ou têm importância restrita apenas aos sonhos, e como pontuado pelo próprio autor, os objetos inanimados colaboram para a elaboração simbólica.

No *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* organizado por Chevalier e Gheerbrant (2012), tem a seguinte afirmação sobre o espelho, “O que reflete o espelho? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência: como o *Sol*, como a *Lua*, como a *água*, como o *ouro*, lê-se em um espelho no Museu chinês de Hanói, *seja claro e brilhante e reflita aquilo que existe dentro do seu coração*. [...]” (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 393).

Ao fazer tal pontuação sobre o espelho, os autores mostram que a principal função dele é mostrar o que há dentro do coração daquele que tem sua imagem refletida, ou seja, os verdadeiros sentimentos que cada um possui, sejam eles bons ou ruins, ele também é capaz de mostrar a consciência humana, a verdade que está presente no mais profundo do ser, portanto, não é possível ocultar da superfície refletora a verdadeira essência daquele que se permite olhar.

Os personagens da obra de Veiga se questionam o porquê do medo do espelho e, a princípio têm vergonha de falar um para o outro sobre o assunto, mas depois percebe-se a cumplicidade deles, como eles fossem iguais ou como se completavam e por isso resolvem em comum acordo se livrar do espelho: “No dia seguinte telefonaram para o belchior e fecharam negócio pela primeira proposta, como tinham feito quando da compra.[...].” (VEIGA, 2015, p.17).

O *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos* (2013), traz a seguinte contribuição sobre o objeto espelho, “O espelho duplica todas as coisas, o mundo e o sonhador de mundos. O ser humano, em sua pureza primordial, vê e contempla sua imagem no espelho das águas, ficando maravilhado por ver, no reflexo, um outro que é a sua sombra, mas não é ele, é seu duplo [...]” (FERREIRA, 2013, p. 68)

O autor ainda pontua a importância do reflexo mostrado nas águas para o homem visualizar esse outro, que é o seu duplo, pois antes do surgimento da superfície refletora já era possível à humanidade encontrar-se com o próprio reflexo por meio das águas. Diferentemente do que é pontuado no dicionário de Chevalier e Gheerbrant, o dicionário bachelardiano aponta que o espelho é um objeto capaz de duplicar o que é colocado diante dele, e dessa maneira mostrar o outro, mas vê-lo e procurar compreender não é fácil, pois

[...] acontece-lhe também deixar as tranquilizadoras fronteiras dos modelos conhecidos e descobrir uma representação estranha de si, inquietante, na qual percebe a marca de um ser radicalmente outro, e onde a consciência que tem de si próprio se perturba e se aliena; o espelho sublinha então a estrutura obscura, quiasmática e anamórfica de qualquer autorretrato. (MELCHIOR-BENNET, 2016, p.12).

O espelho é, portanto, simbólico por mostrar ao homem o seu duplo, revelando assim o que há no seu coração, na consciência e no interior de cada ser. E são essas características que torna o espelho um dos objetos mais questionadores e inquietantes presente na vida do homem.

3. ESPELHO: A TURBULÊNCIA DO CONHECIMENTO DO OUTRO EM JOSÉ J. VEIGA

Objetos Turbulentos- contos para ler a luz do dia foi a última publicação de contos elaborada por José J. Veiga, o livro reúne onze narrativas que não são dependentes entre si, cada conto dessa obra é centrado em um objeto simples presente no cotidiano das pessoas, mas que causam turbulência na vida daqueles que os possuem, inquietando a vida das personagens e do próprio leitor. No livro, encontram-se os seguintes contos: *Espelho*, *Cachimbo*, *Cadeira*, *Manuscrito Perdido*, *Luneta*, *Tapete Florido*, *Pasta de Couro de Búfalo*, *Cinzeiro*, *Vestido de Fustão*, *Caderno de Endereços* e *Cantilever*.

Turchi (2005) traz a seguinte afirmação acerca da última produção de Veiga:

[...] O homem refém dos objetos é a obsessão que toma conta do último livro de contos de Veiga, *Objetos turbulentos*. Em cada um dos onze contos que compõem o livro, há um objeto desencadeador da narrativa – objetos turbulentos capazes de despertar o magma das lembranças e trazer à tona fantasmas escondidos; objetos que guardam um poder simbólico ou sobrenatural de intervenção na vida das pessoas. Veiga procura ler as histórias que os objetos inanimados contam através de suas enigmáticas presenças: um espelho encontrado numa casa em ruínas, um tapete com seus poderes encantatórios, um inofensivo caderno de endereços que empurra um jovem para a morte na Alemanha nazista, um cachimbo, uma cadeira, um manuscrito perdido, uma pasta de couro, um cinzeiro – todos esses objetos vão compondo um mosaico insólito, mas “à luz do dia”, como ressalta o subtítulo do livro. [...] (TURCHI, 2005, p. 156)

Os espaços dessas narrativas são os centros urbanos de uma sociedade capitalista moderna, foi escolhido para análise o primeiro conto da obra que tem por título “Espelho”. A narrativa é apresentada em terceira pessoa por um autor onisciente intruso¹. Ele observa os entulhos de uma casa abandonada e velha e nota que “[...] Aquela casa deve ter sido vendida várias vezes, depois envelheceu e por fim caiu” (VEIGA, 1997, p. 9). E observa que após o desmoronamento foi possível verificar que alguns objetos tinham sido deixados na casa pelos antigos moradores representando assim um pouco de suas essências e do que tinham vivido naquele ambiente.

¹ Essa denominação de narrador está presente na tipologia elaborada por Norman Friedman e é encontrada na obra *O foco (ou A polêmica em torno da ilusão)* (2002) elaborada por Ligia Chiappini Moraes Leite, essa categoria de narrador se caracteriza por apresentar os acontecimentos se colocando de “fora” da narrativa, mas faz pontuações próprias no decorrer da narrativa.

É imprescindível chamar atenção para o caso das ruínas da casa onde se encontra o espelho que vai ser levado pelo vendedor. Posteriormente, as imagens dos amigos do casal que aparecem no espelho, parecem refletir justamente a ruína da alma humana, o autor coloca essa possibilidade ironicamente, usando a metáfora do espelho. A partir de então, o marido fica com medo de olhar no espelho, ou seja, fica com medo de ver a própria alma. Dessa forma, vem à tona o velho ditado de que se mente para o outro, mas não para si mesmo e por isso o casal evita a reflexão sobre si mesmo, coisa que seria inevitável com o espelho uma vez que o mesmo, como o próprio narrador faz questão de enfatizar, é grande e dá para ver uma pessoa por inteiro, essa questão de ver por inteiro remete não só a imagem completa, mas também ao fato de vê além da imagem, tanto que os personagens continuam usando espelhos só que em tamanho menor e por pouco tempo: “Mas continuaram usando espelhos, ele para fazer a barba, ela para se pintar e pentear” (VEIGA, 2015, p. 3).

É notória a ironia do autor nessa frase final do texto, porque nos leva a pensar que os personagens, assim como a grande maioria que faz parte da mesma estirpe social não querem ver o todo, ou seja, o “mundo” que os cerca, mas apenas aquilo que lhes interessa.

Os entulhos da casa atraíram roedores, insetos e pessoas interessadas em encontrar algum objeto de valor esquecido pelos antigos moradores e assim conseguir um dinheiro a mais, o narrador foca em um guarda-roupa, que por não apresentar um bom estado físico foi desconsiderado pelos primeiros saqueadores, mas que não ficou invisível aos olhos de um dos homens do segundo escalão, que ao fazer uma “limpeza geral” no que restava nos entulhos, nota um guarda-roupa velho e procura algum objeto de valor que tenha sido esquecido pela antiga família, mas encontrara apenas cupins e ao abrir uma porta estava em perfeitas condições e poderia ser utilizada para uso posterior, ele encontra um espelho em perfeitas condições para uso.

É interessante observar que o espelho, como enfatiza o narrador, estava em perfeitas condições de uso, o que nos leva a imaginar que a nossa consciência está sempre em condições de uso, mas decidimos usar ou não, assim como fizeram os moradores da casa, que preferiram deixar o espelho escondido.

O homem, por ser curioso e interesseiro, notou também que o espelho tinha sido reaproveitado naquele guarda-roupa e que antes provavelmente esteve em um lugar de maior destaque, pois era bonito e provavelmente importado da França, uma vez que por possuírem a

técnica e a maneira de aprimorá-la os franceses se tornaram um dos maiores exportadores do objeto.

Após comemorar o objeto que foi achado, o saqueador decide vendê-lo a um brechó, que após ser limpo é exposto na loja despertou o interesse de compra no primeiro dia, mas o vendedor experiente em seu ofício optou por não vender ao primeiro comprador que apareceu, horas depois vende o espelho para um jovem casal que foram a loja interessados em comprar uma mesa, mas não gostaram das opções e decidiram levar o espelho.

Ao chegar a casa com o espelho, o casal faz um teste de como o objeto adquirido ficaria em diferentes cômodos, notaram por fim que ele ficaria melhor exposto na sala de visita, “Depois de muito debate e experimentação concluíram juntos que o espelho ficaria bem na sala de visitas, instalado horizontalmente atrás do sofá de três lugares.[...]” (p. 12). E seria visto por todos que entrassem na casa, mostrando assim todo o seu luxo e beleza, na sala tinha outros objetos de valor financeiro elevado, mas o espelho conferiu aquele ambiente conforto e beleza por essa razão o jovem casal fazia o possível para ficar neste ambiente, saiam para os compromissos sociais e voltavam o mais rápido possível para usufruir do conforto da sala e em determinados momentos chagavam a dormir na sala, o narrador continua a afirmar que o espelho era a alma da sala, sem ele o ambiente ficaria pobre, pois ele refletia a imagem do casal e os objetos que estava no limite de sua moldura, consideravam-se sortudos por encontrar o espelho e conseguir comprá-lo. Apegam-se a esse objeto de consumo que reflete o que possuem.

O espelho passa ao status de centro da narrativa a partir do momento que o vendedor o encontra. O casal compra o espelho, não como algo necessário, mas pelo status que o espelho poderia lhe dar na casa. Assim como ocorre na sociedade, o casal passa a adorar a própria vaidade e condição financeira representados pelo espelho e sarcasticamente colocado pelo autor. O casal se aprisiona à vida que tenta levar, como fazem aqueles que participam de classes que tentam ascensão social cada vez maior e mais rápido e, muitas vezes, vivem de aparências, compram um objeto de valor como um carro de luxo para exhibir aparentemente o que não são.

O casal se sentia feliz na sala, mas esse sentimento de felicidade e tranquilidade é abalado em um tranquilo dia de domingo, quando estavam ambos na sala, o marido lendo um livro de Guimarães Rosa e a mulher que, olhando pela varanda, questiona o seu companheiro acerca da aproximação deles com o espelho e continua a afirmar que ao ouvir o relato de uma

colega de trabalho sobre o final de semana com o marido e alguns amigos em uma fazenda, começou a questionar se a atitude de ambos de ficarem tanto tempo diante do espelho e se isolarem do convívio social estava correto, ela percebe que eles atribuíram uma superioridade ao espelho.

Na verdade, vemos que o espelho é uma alegoria para mostrar o aprisionamento social pelo isolamento, ou seja, as pessoas quando tentam ser o que na verdade não são se separam de outros que podem denunciar sua mentira de modo que, se você é visto ao lado de uma pessoa mais rica e mais importante do que você, logo, os que veem vão achar que você está em uma situação privilegiada, já se você é visto com pessoas de nível inferior então você se torna igual aos olhos dos outros. Vemos que o espelho é o objeto que desencadeia a inquietação dos personagens, é o centro da narrativa e também simboliza a hipocrisia, a falsidade, a desigualdade, o descaso social e sede de status da chamada classe média.

O casal conversa e o homem se interessa pelo assunto e relata que o espelho também tem o deixado inquieto, principalmente depois da situação que tinha vivenciado.

— Um dia, quando você estava na cozinha fazendo café e eu aqui conversando com Emer e Zenaide, os dois sentados no sofá, olhei para eles para dizer qualquer coisa, tive uma sensação esquisita. Emer me perguntara sobre meninos de rua, a matança da Candelária. Quando dei minha opinião, aconteceu. Os que estavam no sofá eram Emer e Zenaide. Os que eu via no espelho, só do ombro para cima, eram outros. [...] Disfarcei, levantei, fui à varanda pretextando ter ouvido qualquer coisa lá fora. Felizmente você apareceu logo com o café (VEIGA, 1997, pp. 15-16).

Neste trecho da narrativa o espelho deixa de ser um objeto superficial que era utilizado para o ambiente parecer mais luxuoso e se tornar um objeto capaz de revelar a essência daqueles que estão diante dele. Assim, o objeto não revela o que era esperado pelo personagem, neste caso vê os seus amigos de ombros, mas mostra por meio do reflexo “outros”, como é pontuado no dicionário de símbolos bachelardianos (2008), o espelho duplica tudo que é exposto diante de si, principalmente o ser humano, e duplicando assim os seus amigos, mostrando os dois lados, o interior e o exterior. Nessa duplicação que é refletida a essência deles, o que tinha de mais profundo em seus corações.

O personagem percebe que aqueles que estavam refletidos no espelho concordavam com o que tinha acontecido na Candelária com aqueles pobres meninos, mas o que saía da boca dos que estavam no sofá era contrária, a atitude de Emer e Zenaide é comum a sociedade

moderna, ambos sabiam que não poderiam expressar o que realmente queriam, pois não seriam bem vistos pela sociedade que define padrões sobre o que falar e onde falar.

O sociólogo, antropólogo e escritor Erving Goffman que se destacou por suas análises voltadas para as relações sociais, faz a seguinte pontuação sobre a interação: “Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. [...]” (GOFFMAN, 2011, p. 41).

Portanto ao desempenhar seu papel social o casal Emer e Zenaide, se adapta aquela situação interacional, principalmente por meio do discurso. Assim, como é pontuado por Foucault na obra *A ordem do discurso* (1996)

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. [...]. (FOUCAULT, 1996, p. 9)

É por esse receio de exclusão que o casal procura esconder o que realmente é, mas que o espelho mostra e o personagem interpreta. O personagem continua afirmando que ficou muito surpreso com a revelação que o espelho tinha feito naquele momento e decide se afastar um pouco para a varanda, é quando a mulher chega com o café.

[...] — Me lembro que quando entrei com a bandeja você vinha da varanda. Só isso.

— Então eles também não devem ter notado. Ainda bem. Mas fiquei transtornado. Naquele instante o espelho mostrou-me a verdadeira alma deles.

Ela olhou demoradamente para o espelho e disse: — Gostaria muito de pensar... pensar não, ter certeza... que você tivesse imaginado isso.

— Eu também. Mas não dá para fraudar. Foi real (VEIGA, 1997, p. 16).

O personagem se recusa a acreditar que tudo o que tinha acontecido foi falso, pois ele viu o que o espelho tinha refletido naquele dia, e “Assim falamos porque cremos nas palavras e nelas cremos porque cremos em nossos olhos: cremos que as coisas e os outros existem porque os vemos e que os vemos porque existem. [...]” (CHAUI, 2006, p. 32). Após, tal conversa o casal fica um tempo pensando sobre o assunto, decidem fazer um lanche evitando olhar para o espelho e optam por não conversarem mais sobre o assunto. À noite, vão ao

cinema assistir a uma comédia inglesa, o filme era centrado na vida de um garçom que encontra um diamante, tenta esconder o objeto em um lugar seguro e não contar a ninguém o que achou, mas percebe que não tinha um lugar seguro para guardá-lo e entrega o diamante para a polícia, diferentemente do que acreditavam, a comédia não deixou o casal relaxado, pois como o garçom, eles não conseguiriam esconder do espelho, ou melhor, de si mesmos, o que realmente eram, as suas essências, a verdade interior, não tinha lugar seguro para guardá-la e assim como fez com os amigos, o espelho retiraria seus papéis sociais, expondo a verdade de cada um.

Optaram por vendê-lo no dia seguinte para a mesma loja que o tinha comprado, [...] Mas continuaram usando espelhos, ele para fazer a barba, ela para se pintar e pentear. (VEIGA, 1997, p.17), o uso de outros espelhos pelo casal mostra a necessidade desse objeto para a preparação da representação no meio social.

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel...é nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (PARK, 1950 p.249 *apud* GOFFMAN, 2011, p. 27).

É interessante observar que mesmo não tendo o espelho grande, o casal não deixa de usar o artefato porque, de certa forma, ele é importante para que você cuide da aparência que pretende mostrar aos outros. Dessa forma, mesmo em tamanho menor o espelho continua como simbologia do falso, do aparente, do que se quer mostrar e como se quer mostrar aos olhos dos outros. Assim, como os amigos, o jovem casal também desempenha seus papéis sociais, principalmente por estar em uma sociedade moderna que é pautada em reflexos de status sociais.

No conto, é possível perceber que o autor retira suas personagens que até então estavam no interior e as transferem para um grande centro urbano sendo imersos em uma sociedade de consumo e de posição social, como se notou na relação do jovem casal com o espelho, pois ele tornou a sala que tinha outros objetos de valor ainda mais bela e nos padrões sociais que eram expostos pelas revistas.

O espelho já foi explorado por diversas narrativas, mas o autor goiano consegue explorar e atribuir uma nova perspectiva sobre o objeto, e o insere como o centro narrativo, pois não é o personagem que o confronta em busca de compreender o que é refletido, ele

adquiri autonomia suficiente para confrontar os personagens ao revelar o duplo dos amigos, é por estar no centro narrativo e inquietar os personagens com o que é capaz de refletir que o espelho se torna o elemento insólito presente no conto, a presença desse objeto causa estranheza, medo e inquietação no personagem, já que ele não consegue encontrar uma resposta satisfatória para o que o espelho reflete, assim se apresenta o fantástico na obra, pois “No plano do insólito, os elementos deslocados estão submetidos a forças misteriosas que geram inquietação e incertezas. Dessa forma, o universo familiar entra em crise, e se reveste de um elemento que escapa ao poder e à clara consciência do sujeito.” (SOUZA, 1987, p. 19).

Nesse contexto do insólito o espelho entra de forma muito categórica e para evidenciar os distúrbios do ser humano, pois como é exposto por Melchior-Bonnet:

[...] É sobre estes temas recorrentes que se jogam as problemáticas do espelho como instrumento de autoconhecimento, problemática que os séculos transformam, mas que a banalização do objecto não esgota. Ainda que se tenha tornado o objecto mais vulgar do nosso tempo, o espelho conserva o seu poder mágico, mistificados ou criador: "que segredo procuras tu no espelho rachado?", pergunta a si próprio o herói de Georges Perec, com um olhar melancólico, fixo no espelho. (MELCHIOR-BONNET, 2016, p. 19)

O objeto insólito retira os personagens do corriqueiro, do que consideram como real e os transportam para o misterioso e o inexplicável, “é esse o fantástico veigueano: fatos extraordinários, acontecimentos insólitos são importantes na medida em que desassossega um mundo, cujo centro é o homem. [...]” (SOUZA, 1987, p.29), por essa razão os personagens preferem livrar-se do objeto que os confrontam e os questionam acerca do que realmente são sem suas representações sociais.

3.1 As relações do espelho com a dualidade

Foi pontuado no capítulo anterior que o espelho é símbolo por revelar ao homem o seu outro, que é seu duplo. Dessa maneira, não é possível abordar a temática do espelho sem considerar a sua relação com a dualidade, assim como posto no conto, “[...] Os que eu via no espelho, só do ombro pra cima, eram outros. [...]” (VEIGA, 1997, p.15).

Para compreender a inserção do duplo na história da humanidade se faz necessário primeiro conhecer o seu significado no dicionário de símbolo, por compreender que a sua

manifestação também é de caráter simbólico. Para tanto, foi utilizado o dicionário de símbolos organizado por Chevalier e Gheerbrant, nesse dicionário é pontuado que muitas culturas representam a imagem de animais duplicadas, essa maneira de representá-los não está associado a fins estéticos, mas por acreditar que os animais possuem duas personalidades, uma de caráter bom e outra relacionada ao mau. É pontuado também que as religiões atribuem que a alma é um duplo do homem, podendo separar-se por meio da morte, da magia e do sonho. Ainda sobre o tema, os autores acentuam que é possível acontecer desdobramento de imagem no psíquico humano, entre o consciente e o inconsciente.

Salienta-se então que o fato de o marido ter visto a duplicidade da imagem do casal amigo no espelho, revela o que estaria guardado no seu próprio inconsciente, a verdade interior. Ele percebe que assim como o casal de visitantes, ele também tinha duas identidades, uma interior que ele tentava esconder, assim como o garçom do filme que ele assistiu tentava esconder o diamante; e outra externa que é a imagem montada, elaborada, artificial que se mostra para as pessoas.

Como exposto pelos autores Chevalier e Gheerbrant, as interpretações que cercam o duplo não ficam restritas apenas a uma área do conhecimento humano, se faz presente nas religiões, em diversas manifestações artísticas e nas relações psíquicas.

Por ser a dualidade um tema questionador, a procura em compreendê-la remonta aos filósofos gregos, que já debatiam a divisão do homem em duas partes como sendo caracterizado por um castigo imposto pelos deuses a humanidade. De acordo com Souza; Brandão (2018) “se pode vê já em *O banquete*, que Platão, pela boca de Aristófanes, já mencionava a bipartição do indivíduo humano como um castigo imposto pelos deuses”. Aspectos que podem ser observados no seguinte fragmento:

Mas é preciso primeiro aprenderdes a natureza humana e as suas vicissitudes. Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo. Quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais desses exemplos se poderia supor. [...] Eram por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses, [...] a tentativa de fazer uma escalada aos céus para investir contra

os deuses. Zeus então e os demais deuses puseram-se a deliberar sobre o que se devia fazer com eles, e embaraçavam-se: não podiam nem matá-los e, após fulmina-los como aos gigantes, fazer desaparecer-lhes a raça [...]. Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: “Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós. (PLATÃO, 1991, p. 22- 23 *apud* SOUZA; BRANDÃO, 2018, p. 19)

Vemos que em todos os tempos, o homem já tentava ser algo que idealizava e não o que realmente era. Em conversas sobre caçadas já contavam às vantagens que tinham ou algo que tinha vivido em aventuras muitas vezes modificadas oralmente. Dessa forma, vemos que a perspectiva de uma dualidade humana é algo intrínseco.

Por meio dessa obra de Platão é notável que os questionamentos em torno do duplo esteve presente desde a antiguidade nas indagações humanas sobre a origem de si e do meio, mas os questionamentos envolvendo o tema do duplo não ficou restrita apenas as indagações filosóficas, se fez presente também nos textos artísticos que serviam como base para encenações, entre elas as comédias, como é possível notar na obra “*Anfitrião*” de aproximadamente século III a. C e também na obra “*Os Mecmenas*”, de 206 a. C, ambas elaboradas pelo escritor Plauto. Nas duas obras há um personagem que é duplicado, ou seja, se tem dois personagens com as mesmas características físicas que podem trocar de lugar sem que os outros personagens da peça percebam a troca, pois são idênticos e ninguém conseguiria distinguir um do outro, essa duplicação física, que é externa ao sujeito recebeu a denominação de sósias como é apresentado na obra “*Anfitrião*” ou também poderia ser denominado de gêmeos como acontece na obra “*Os Mecmenas*”.

Esse tipo de duplo que se caracteriza por acontecer fora do sujeito, ou seja, de maneira externa é denominado de duplo homogêneo, acerca dessa manifestação do duplo é feita a seguinte afirmação:

Nos casos de duplos homogêneos ou duplos objetivos/exteriores, manifestados pelos gêmeos ou pelos sósias, a similitude física de um outro ser extrínseco ao sujeito dificulta o estabelecimento da alteridade. A semelhança dissimula as diferenças e impede que se enxergue o outro, daí a troca entre um e o outro passar despercebida pelas outras pessoas. [...] (JOTA, 2014, p. 34)

É perceptível que o duplo homogêneo foi uma das primeiras interpretações acerca da dualidade presente na humanidade representados pelos sósias e os gêmeos, mas essa

associação do duplo relacionado à representação externa de um ser igual entra em conflito a partir do século XVI, quando o duplo passa a ser relacionado a um desdobramento do eu em outro que diferentemente do homogêneo não acontece de maneira exterior, mas interna, ou seja, no psíquico humano, essa manifestação passa a ser denominada de duplo heterogêneo, por ser diferente e se manifestar por meio da sombra, mas de maneira mais particular por meio do reflexo, o encontro com esse outro não é amigável e se tem sempre um conflito, pois ele é o oposto ao “eu”.

Esse tipo de duplo ganha maior notoriedade a partir das produções literárias da estética romântica no século XIX, principalmente por causa das inquietações internas que os personagens românticos apresentavam. É nesse período também que o termo “duplo” aparece, acerca desse aparecimento encontra-se a seguinte afirmação:

Em 1796, Jean-Paul Richter, famoso escritor alemão, em nota de rodapé de seu romance *Sienbenkäs*, cunhou o termo “duplo” de *Doppelgänger* (fusão das palavras alemãs *doppel*, que significa réplica; e *gänger*, que quer dizer ambulante, aquele que anda; opondo-se a *Einzelgänger*, isto é, solitário). O vocábulo pode ser traduzido por “segundo eu”, ou literalmente, “aquele que caminha ao lado”. Para Richter, *Doppelgängers* são aquelas pessoas que podem ver-se a si mesmas. [...] (JOTA, 2014, p.30).

Esse termo elaborado pelo escritor alemão passa a ser utilizado por diferentes áreas do conhecimento, de maneira especial pela psicanálise que recorre a ele em seus estudos sobre a psique. No dicionário de símbolo elaborado por Chevalier e Gheerbrant (2012, p.354), encontra-se a seguinte pontuação sobre o termo duplo associado ao romantismo:

[...] O Romantismo alemão deu ao Duplo (*Doppelgänger*) uma ressonância trágica e fatal... ele pode ser o complementar, porém, mais frequentemente, é o adversário, que nos desafia ao combate... encontrar seu duplo é, nas tradições antigas, um acontecimento nefasto, até mesmo um sinal de morte. [...].

Levando em consideração a perspectiva simbólica do duplo na obra de Veiga, podemos atribuir sentidos ao fato de o conto mostrar como personagens dois casais, duas duplas. Outro fato importante é a cumplicidade dos casais entre si, como se um fosse o complemento do outro, eles pensam de forma muito semelhantes e agem tal e qual. Esses personagens seriam a representação física do duplo. Outro fator que chama a atenção é o garçom do filme, ele está sozinho na situação e não consegue sair dela, ele pensa na mulher, mas aí vem a questão da confiança, da cumplicidade do “vice-versa”, também aludido na

narrativa. O garçom fica desorientado e acaba indo até a polícia por não encontrar parceria na sua ação. Dessa forma, fica claro na obra o fato de uma duplicidade inerente ao humano, algo que faz parte da constituição da espécie.

Para sintetizar as definições atribuídas a ideia em torno do duplo tem-se a seguinte pontuação:

O mito do duplo, no Ocidente, acha-se em estreita ligação com o pensamento da subjetividade, lançado pelo século XVII ao formular a relação binária sujeito-objeto, quando até então o que prevalecia era a tendência à unidade. Essa oposição – concepção unitária / concepção dialética – é refletida pela reviravolta que sofre o mito literário do duplo. Desde a Antiguidade até o final do século XVI, esse mito simbolizava o homogêneo, o idêntico: a semelhança entre duas criaturas é usada para efeitos de substituição, de usurpação de identidade, o sócia, o gêmeo é confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria (...) A partir do século XVI, o duplo começa a representar o heterogêneo, com a divisão do eu chegando à quebra da unidade (século XIX) e permitindo até mesmo um fracionamento infinito (século XX). (BRAVO, 2000, p. 263 *apud* JOTA, 2014, p. 34).

Diante do que foi exposto, compreende-se que os questionamentos sobre a manifestação do duplo não são recentes no imaginário humano, pois os primeiros filósofos já debatiam sobre ele, era assunto central das primeiras manifestações artísticas, como foi possível observar nos textos utilizados. Primeiro, o duplo foi visto como uma manifestação externa, física, depois como uma das manifestações mais inquietantes que podem ocorrer na mente humana. O que é inegável é que mesmo estando a tanto tempo presente na humanidade, o duplo ainda é capaz de causar turbulência.

3.2 O duplo no reflexo

Anteriormente foi apresentado como o tema do duplo se inseriu e foi interpretado ao longo dos séculos, primeiro o duplo associado ao físico, com os sócias e os gêmeos, depois passa a ser interpretado de maneira subjetiva, manifestando-se no psíquico para tal manifestação o olhar para o reflexo foi de fundamental importância. E para compreender a importância do papel desempenhado pelo reflexo no psíquico humano, é necessário recorrer às narrativas mitológicas e assim fazer notar que antes do espelho mostrar o reflexo, outros

meios já eram utilizados para encontrá-lo, como é possível observar nas narrativas de Narciso e da Medusa.

O mito em torno da figura de Narciso foi amplamente utilizado por diversas áreas do conhecimento, com destaque para a psicanálise, como outras narrativas esse mito apresenta diferentes versões, contudo uma das versões mais conhecidas é a que associa Narciso a ninfa Eco, e se fez conhecida no Ocidente, especificamente, pelo poeta Ovídio².

O poeta relata que Narciso era filho da ninfa Liríope que após ser aprisionada nas águas de Cefiso ficou grávida de um menino que ao nascer foi denominado de Narciso, este possuía uma beleza incomparável. Preocupada com o filho a linda ninfa consulta o oráculo Tirésias, muito conhecido naquelas regiões, e obtém deste a informação que Narciso só viverá longos anos se não ver o próprio reflexo. Narciso cresce e torna-se cada vez mais belo, e recusa o amor de todas as donzelas e também dos rapazes, mas em um dia de caça com os amigos é visto pela ninfa Eco, que ao declarar e ter seu amor recusado pelo belo rapaz se esconde na mata. Narciso vê um lindo lago e decide tomar um pouco de água. Ao se ajoelhar para tomar o líquido vê o próprio reflexo e fica dias a admirar-se, pois,

Sem saber, deseja-se a si próprio, e o elogiado é quem elogia; e, ao desejar, é o desejado, e junto incendeia e arde de amor. Quantas vezes beijos vãos não deu àquela fonte enganadora! Quantas vezes não mergulhou os braços no meio das águas para abraçar o pescoço que vê, e não se abraçou a si mesmo!

(OVÍDIO, séc. I a.C, 425 *apud* PENA, 2017, p. 55)

E assim como o oráculo tinha professado, o jovem Narciso é consumido até a morte e apareceu em lugar uma flor, ainda de acordo com Pena (2017) acerca do mito encontra-se a seguinte pontuação: “[...] Narciso crê que o reflexo que vê na fonte é uma imagem suprema, viva e real, como se, não ele, mas a fonte, o lago ou o espelho estivessem sedentos da sua própria beleza. [...]” (PENA, 2017,p.14).

Diferentemente do Narciso que se apaixona pelo que vê do próprio reflexo, o mito em torno da figura de Medusa tem a presença do reflexo não como encantador e belo, mas como

² Poeta romano e o responsável por organizar na obra intitulada *Metamorfoses*, diversos mitos, atribuindo a cada narrativa um processo de transformação física das personagens. A obra o tornou um cânone da produção latina, sendo conhecido e seus poemas analisados por diversos lugares no Ocidente e em diferentes épocas.

capaz de apavorar. É possível encontrar nos dicionários de mitos gregos³ que Medusa era a única mortal o que a distinguia das suas outras duas irmãs, as três eram conhecidas por Górgonas, monstros que tinham serpentes na cabeça e asas, seus olhos fascinavam qualquer mortal que os encarassem, transformando-os em pedras.

Perseu com o auxílio da armadura de metal entregue pela deusa Atena, força a Górgona a olhar para o próprio reflexo no metal do seu escudo, atraindo assim a atenção do monstro que apavorada com a própria fisionomia tem sua cabeça decapitada e utilizada posteriormente pelo Perseu para conseguir o que desejava. Seja na superfície líquida da água, que fez refletir a beleza do Narciso, ou no objeto de metal que atraiu a atenção da terrível Górgona, ambos mostram como o reflexo mesmo antes do surgimento do espelho já era associado ao tema do duplo, evidenciando que o encontro com o reflexo mostraria não apenas o externo, aquele que é o conhecido, mas revelaria o “outro” que existe em cada um, e assim como a exposto nas narrativas mitológicas apresentadas, o encontro com esse outro não era amigável e causava a morte.

Com o aparecimento do espelho, o reflexo que antes poderia não ser tão nítido em decorrência dos objetos que eram utilizados, os espelhos passam a projetar o reflexo com tamanha nitidez que nenhum outro objeto seria capaz, acerca da importância do reflexo a pesquisadora Melchior-Bennet faz em seu livro a seguinte afirmação:

Porque é assim a ambiguidade e a fecundidade do reflexo: ao mesmo tempo idêntico e diferente do seu modelo. As duas faces do espelho, que as necessidades da análise opõem, fundem-se na realidade numa mistura complexa: o homem é sempre, em simultâneo, o mesmo e o outro, semelhante e diferente-um ser de inúmeros rostos.[...]. (MELCHIOR-BENNET, 2016, p.18).

Ao levarmos essas reflexões para o conto trabalhado, podemos perceber que o autor parece estar a par de todos esses aspectos que envolvem o duplo. Também podemos observar que o ser humano tem tanto uma porção boa, que é simbolicamente representada pela beleza de Narciso; quanto uma parte ruim, que também se evidencia na feiura e maldade da Górgona. O espelho, no conto, simboliza o que os personagens tentam esconder, o seu lado ruim, obscuro. Os personagens parecem reconhecer que possuem essa dualidade e que esse outro lado, que

³ Os dicionários mitológicos utilizados foram: o livro de *Mitologia Grega* elaborado por Pierre Grimal (2013) e o *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* de Georges Hacquard (1996). Ambas apresentam a figura das Górgonas, e de maneira especial da Medusa, associando-a ao herói Perseu.

nem eles gostariam de perceber, poderia ser apresentado pelo espelho. Esses aspectos ficam evidentes no momento em que eles tiram o espelho da parede e o viram de costas para mesma parede, como se assim ele não pudesse ver e não mostrar o lado obscuro do casal. Daí subentende-se que o casal virou as costas para os amigos e tentavam não ver, também, o que estava ao seu redor, as mazelas sociais, porque, para eles, interessava ascender e por isso tentava não lembrar quem eles realmente eram, de suas raízes, aspectos que poderiam ser revelados pelos espelho.

Nesse contexto, que além da duplicidade de cada personagem que tem lados opostos dentro de si, assim como todo ser humano; tem também os dois lados da vida deles, o antes e depois do espelho. Vemos que quando os personagens adquirem o espelho, eles estão em fase de melhorar de vida e depois eles mesmos comentam que se sentem presos por não terem mais o contato social. Nota-se que o autor coloca a duplicidade no próprio contexto da história narrada, é como se a perspectiva de duplicidade estivesse intrínseca a toda situação a toda pessoa, a tudo na vida. Nesse caso, é interessante pontuar o fato de o personagem está lendo Guimarães Rosa, um dos autores que trabalha extraordinariamente a perspectiva do duplo em todas as suas obras. Não podemos deixar de pontuar, também, que Rosa tem um conto com o nome *O espelho* e que Veiga era um amigo íntimo do autor, do qual era admirador e aceitava opiniões.

Mesmo sendo o reflexo emitido pelo espelho tão ambíguo e questionador, ele não é capaz de oferecer nenhuma explicação, os questionamentos que se seguem da imagem refletida no espelho é consequência da reflexão mental de cada um, e que se inicia nos olhos, como já exposto no primeiro capítulo, os olhos foram e são essenciais para o conhecimento não apenas do meio como também de si, a imagem absorvida pelos olhos é enviada e interpretada pela mente, e é a interpretação que o sujeito tem do reflexo apresentado pelo espelho que se torna presente em diversas produções literárias de diferentes lugares, já que associam o duplo a uma manifestação do psíquico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na procura em compreender o papel desempenhado pelo espelho no conto de José J. Veiga se fez necessário recorrer a sua possível origem e comercialização no Ocidente, as simbologias associadas ao objeto sem deixar de pontuar sua relação com o tema do duplo.

Observamos que a relação da humanidade ao procurar conhecer o próprio reflexo não é algo recente, sempre esteve presente nos questionamentos humanos, a procura de conhecer a si principalmente por meio do reflexo mostrado pelas superfícies refletoras sempre esteve e estará nos anseios humanos, pois procuramos conhecer aquilo que nos é desconhecido, o nosso outro, nosso duplo.

Mas antes que qualquer objeto natural fosse utilizado como superfície refletora para o conhecimento de si, os olhos já eram utilizados como espelhos, que sai do interior humano para encontrar a luminosidade dos objetos e volta para si com os seus reflexos. Mas a humanidade notou que poderia ir além dos olhos dos outros para conhecer o próprio reflexo e passa a utilizar elementos encontrados no meio para ver refletido a sua fisionomia, primeiro a água, depois os objetos feitos a partir de metais, mas o olhar para o próprio reflexo trouxe questionamentos para aqueles que se viam refletidos. Nesse contexto, as narrativas mitológicas de Narciso e da Medusa mostram como ver o próprio reflexo inquietou o homem de diferentes maneiras.

Com as evoluções no decorrer dos séculos, a humanidade deixa a água e os pequenos pedaços de metais e elabora um objeto de vidro que tinha por função primordial fazer refletir de maneira nítida o que é exposto diante dele, que veio a ser denominado de espelho. Se o reflexo visto nas antigas superfícies naturais já inquietavam os homens com os reflexos emitidos do espelho não foi diferente, deixa de ser visto apenas como um objeto de decoração e de auxiliar na preparação das máscaras para a atuação no meio social para se tornar centro de questionamentos psíquicos profundos e assim um dos mais significantes símbolos presentes na vida da humanidade, pois tem a capacidade de confrontar o homem com o seu desconhecido, seu duplo.

Nesse aspecto, é indiscutível que Veiga consegue em uma narrativa curta como um conto trazer todas essas perspectivas e ainda dar a sua narrativa um tom irônico ao mesmo tempo que inclui o fantástico na obra uma vez que o espelho é num mundo “virtual” em que o homem pode ser revelado.

Por essas e outras razões, o espelho se fez presente em diversas narrativas produzidas em diferentes lugares, incluindo a produção literária brasileira, poderíamos destacar diversas obras brasileiras que são centradas nele, como os contos: *O Espelho* (1882) de Machado de Assis e *O Espelho* de Guimarães Rosa (1962), entre elas se destaca o conto de José J. Veiga. Diferentemente de outras abordagens literárias que a personagem confronta o objeto, no conto do escritor goiano é o espelho que confronta o casal que o possui, pois é ele que revela para o personagem a verdadeira essência de seus amigos por meio dos seus duplos que são revelados pelos seus reflexos no espelho, deixando de ser um simples objeto de decoração para se tornar o elemento insólito que causa a turbulência na vida do casal, por revelar as verdades mais profundas e que todos querem esconder por meio das máscaras sociais utilizadas no meio.

O autor não deixa de trazer para o conto o olhar crítico sobre a sociedade moderna e suas relações que é presente em suas obras, pois um objeto comum e até mesmo banal para os modernos como é o espelho, na ficção veigueana adquire uma superioridade em relação as outras pessoas, já que os seus donos preferem a sua companhia que o convívio social.

Nesta última publicação, a ficção veigueana deixa as pequenas cidades do interior para se fazer presente nos grandes centros urbanos, mostrando assim não apenas a técnica que o autor tem de trabalhar suas narrativas em diferentes lugares, mas que no meio urbano também tem objetos insólitos que causam turbulência, fazendo com que as personagens saiam do corriqueiro para que entrem no universo fantástico por meio de uma linguagem simples e questionadora.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 16 ed. São Paulo: Cultriz, 2015. p. 6-28.
- CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: **O olhar**.(Org.) NOVAES, Adauto. São Paulo: Cia das Letras, 2006. p. 31-61.
- CHEVALIER, Jean; GHEEBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 26.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: EDUEL, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. (Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970). 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega**. Tradução de Rejane Janowitzer. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- HACQUARD, Georges. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Tradução de Maria Helena Trindade Lopes. Rio Tinto: Divisão Gráfica das Edições ASA, 1996.
- JOTA, Cátia Cristina Sanzovo. **Para além do nitrato de prata: análise do duplo especular em contos da literatura ocidental. Tese (Doutorado em Letras – Área de Concentração: Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina**. Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000200256>. Acesso em: 25 de junho de 2019.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco (ou A polêmica em torno da ilusão)**. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- M. -L. VON FRANZ. O processo de individuação. In: JUNG, Carl G (org.). **O Homem e seus Símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora NOVA FRONTEIRA, 2008.
- MELCHIOR-BONNET, Sabine. **História do Espelho**. Tradução de José Alfaro. Lisboa: Orfeu Negro, 2016. p. 11- 25.
- OVÍDIO. Metamorfoses (séc. I a.C). Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. In: PENA, Abel N. (org.). **Eco e Narciso, leituras de um mito**. Lisboa: Edições Cotovia, 2017.
- ROSSET, Clement. **O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão**. Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- SAINT-GOBAIN BRASIL. (S/A). Disponível em: <https://www.saint-gobain.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 23 de Maio de 2019.
- SOUZA, Agostinho Potenciano de. **Um olhar crítico para o nosso tempo (Uma leitura da obra de José J. Veiga)**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- SOUZA, Ayanne L. Almeida de; BRANDÃO, Eli. O inquietante familiar que nos habita: O mito do duplo em A queda, de Albert Camus. **Revista Rios eletrônica da Faculdade Sete de Setembro**. 2018 nº19. Paulo Afonso – BA: FASETE, 2018.

TURCHI, Maria Zaira. As variações do insólito em José J. Veiga. In: **Organon / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras**. Porto Alegre: Volume 19, Número 38-39, 2005.

VEIGA, José Jacinto. **Objetos Turbulentos: contos para ler à luz do dia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.